



PUC Minas

CENÁRIOS PUC MINAS

Conjuntura Internacional

ano 6 • nº 6 • 21/06 a 04/07/09 • ISSN1809-6182

Resenhas

26/06/2009 - BRICs: divergências ou união de forças?.....p.01

Líderes dos quatro países que formam o BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) se reuniram dia 16 de junho para discutir o papel das economias emergentes no cenário internacional, ressaltando o relevante crescimento econômico de seus países, além de defenderem maior inserção destes no processo de tomada de decisão da economia mundial.

30/06/2009 - A Polêmica Eleição Iraniana e seus Desdobramentosp.04

No dia 12 de junho de 2009, foram realizadas as eleições presidenciais do Irã que elegeram Mahmud Ahmadinejad como o novo líder do país. Apesar da apuração dos votos ter apontado a reeleição de Ahmadinejad, são muitas as denúncias de fraude no processo eleitoral iraniano que levam a contestações do atual resultado das eleições.

BRICs: divergências ou união de forças?

Resenha
Economia & Comércio

Daniel Peluso Rodrigues da Silva
26 de junho de 2009

Líderes dos quatro países que formam o BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) se reuniram dia 16 de junho para discutir o papel das economias emergentes no cenário internacional, ressaltando o relevante crescimento econômico de seus países, além de defenderem maior inserção destes no processo de tomada de decisão da economia mundial.

Após o encontro da cúpula do G-20¹ que ocorreu em abril de 2009, reunindo as vinte maiores economias do mundo para discussões referentes à crise financeira global [Ver também: [Desdobramentos da crise financeira global](#)], ocorreu, no dia 16 de junho, a reunião dos BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China). Esta reunião teve como principal objetivo dar seguimento ao debate sobre o papel dos principais países emergentes no plano da economia internacional.

No encontro, o Presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, o Presidente chinês, Hu Jintao, o Presidente russo, Dmitri Medvedev, e o Primeiro-Ministro indiano, Manmohan Singh, discutiram temas relacionados à crise econômica global, reformas de instituições financeiras (FMI e Banco Mundial), o papel do G-20 e sua atuação no cenário econômico internacional, institucionalização do grupo BRIC, bem como assuntos relacionados às questões ambientais e energéticas.

Segundo alguns analistas, a ascensão dos

BRICs é inevitável, dado que estes países têm apresentado um importante crescimento em variados setores de suas economias, superando as expectativas e previsões mais otimistas.

Na opinião de Riordan Roett, diretor do programa das Américas da Universidade Johns Hopkins de Washington, “as regras do jogo terão de mudar, porque o velho paradigma do poder internacional está mudando para o lado dos BRICs e dos países asiáticos”².

Seguindo a mesma perspectiva otimista, o Ministro da Fazenda do Brasil Guido Mantega, disse que os BRICs devem “assumir o protagonismo da cena econômica mundial”³, defendendo principalmente reformas no FMI, para que a participação brasileira neste organismo seja proporcional à sua participação na economia mundial.

Os BRICs são considerados como uma importante iniciativa entre as quatro maiores economias emergentes, representando uma união de forças contra

¹ O grupo reúne o G8 (Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Canadá, Itália e Rússia), a União Européia e mais 11 nações emergentes (Brasil, Argentina, México, China, Índia, Austrália, Indonésia, Arábia Saudita, África do Sul, Coreia do Sul e Turquia).

² Entrevista concedida a BBC Brasil, em Washington. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u581573.shtml>>.

³ Entrevista concedida a BBC Brasil. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u581254.shtml>>.

a inércia e incapacidade gestora do G-7⁴ frente a importantes questões da economia global. De acordo com o Ministro das Relações Exteriores do Brasil Celso Amorim, o “grupo que pode fazer a diferença para o mundo como um todo é o G-20, que engloba o G-7, os BRICs e outros países emergentes”⁵. Como é percebido no discurso do ministro brasileiro, não se deve pensar a economia mundial sem a presença dos BRICs e outros países emergentes.

A união do Brasil, Rússia, China e Índia, indica também a importância destas economias no que diz respeito às relações financeiras e comerciais internacionais, em que o franco crescimento econômico em relação aos países desenvolvidos foi muito superior, não sendo possível gerir a economia mundial sem levar em consideração ou tomar como relevantes estas economias. Neste contexto, os BRICs se colocam como um grupo de países emergentes que trará suas demandas para uma nova forma de comandar a economia global. Como disse Celso Amorim: “Se o G-7 quiser continuar tendo encontros fechados porque estão acostumados a se ver, porque são ricos ou porque tem semelhanças culturais, tudo bem por mim, mas isso não pode determinar o curso da economia global”.

A união dos BRICs já é elogiada por muitos economistas e analistas internacionais, por ser uma tentativa de mudar a ordem econômica mundial e estabelecer o importante papel destas quatro economias no plano econômico internacional. Porém, existem correntes divergentes que fundamentam suas críticas aos BRICs pelo fato de serem tão diferentes entre si em alguns aspectos.

A primeira crítica está no argumento que este é um grupo desigual e artificial,

apontando a China como a verdadeira estrela e país mais importante do grupo, dado que a economia chinesa é maior que a economia dos três outros países juntos. Nessa linha, alguns dizem que o único denominador comum entre os integrantes deste grupo é seu tamanho geográfico e seu potencial econômico.

As críticas se estendem ainda às estruturas econômicas que são acentuadamente divergentes entre os países pertencentes ao bloco. O Brasil se destaca pela produção agrícola, a Rússia se especializa em *commodities*⁶, a Índia destaca-se pelo setor de serviços e a China é líder em manufaturas. Neste aspecto, observou-se uma pequena fissura do grupo na Rodada de Doha, em 2008 [Ver também: [Histórico da OMC: construção e evolução do sistema multilateral de comércio](#)], quando a Índia tomou um posicionamento diferente do Brasil ao travar as negociações agrícolas e exigir uma salvaguarda especial para a agricultura do seu país.

As críticas estão relacionadas também à relação destes países com os Estados Unidos. A união do BRICs não teria o objetivo de formar um bloco coeso de economias emergentes, mas foi a maneira encontrada por estes países para minimizarem o papel dominante dos Estados Unidos na economia mundial. Já outra vertente afirma que a união destes países resulta da “frustração” com a posição do dólar como moeda das reservas mundiais, o que permite aos Estados Unidos terem déficits orçamentários sem se preocuparem com

⁴ O grupo reúne: Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Canadá e Itália.

⁵ Entrevista concedida a BBC Brasil. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u581254.shtml>>.

⁶ “Palavra inglesa que significa mercadoria, mas no mercado financeiro é utilizada para indicar um tipo de produto, geralmente agrícola ou mineral, de grande importância econômica internacional porque é amplamente negociado entre importadores e exportadores. Existem bolsas de valores específicas para negociar *commodities*. Alguns exemplos de *commodities* seriam: café, algodão, soja, cobre, petróleo”. Ver: Portal Capital de Risco Brasil, disponível na internet: <http://www.venturecapital.gov.br/vcn/c_CR.asp>.

as consequências sofridas por outros países do mundo.

Não é possível prever se este arranjo alcançará os objetivos pretendidos pelos líderes destes países. No entanto, por possuírem interesses convergentes, não obstante as características que os distanciam, pode-se perceber a mobilização das principais economias emergentes em estabelecer uma nova ordem na economia mundial e consolidar a sua importância para a gestão econômica global.

Referência

Sites:

BBC Brasil

<http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Folha On-line

<http://www.folha.uol.com.br/>

Portal Capital de Risco Brasil

http://www.venturecapital.gov.br/vcn/c_CR.asp

Time

www.time.com

Ver Também:

13/05/2009: [Desdobramentos da crise financeira global](#)

08/09/2005: [Histórico da OMC: construção e evolução do sistema multilateral de comércio](#)

Palavras-chave: BRICs, economia mundial, países emergentes.

A polêmica eleição iraniana e seus desdobramentos

Resenha
Segurança

Larissa Rabelo
30 de junho de 2009

No dia 12 de junho de 2009, foram realizadas as eleições presidenciais do Irã que elegeram Mahmud Ahmadinejad como o novo líder do país. Apesar da apuração dos votos ter apontado a reeleição de Ahmadinejad, são muitas as denúncias de fraude no processo eleitoral iraniano que levam a contestações do atual resultado das eleições.

A décima eleição presidencial do Irã, realizada no dia 12 de junho de 2009, decidiu que o mais alto cargo eletivo do país ficaria no comando de Mahmud Ahmadinejad, reeleito para prosseguir o seu segundo mandato. Entretanto, esta nomeação tem sido contestada pela oposição devido a algumas irregularidades apontadas durante o processo eleitoral.

O poder presidencialista do Irã, diferentemente de outros países, conta com uma limitação colocada pelo quadro operacional burocrático iraniano. Este quadro conta com uma hierarquia em que o atual líder supremo, aiatolá Ali Khamenei, se encontra como maior autoridade do país, sendo ele o responsável por supervisionar o Legislativo, Executivo e Judiciário, comandar as Forças Armadas e indicar os membros encarregados em ocupar importantes cargos políticos. O líder supremo não possui um cargo eletivo, ou seja, não é escolhido através do voto popular e sim, através da indicação feita pelos membros da Assembléia dos Peritos¹. A maior autoridade iraniana

recente, o aiatolá Khamenei, eleito em 1989, é considerado um líder linha-dura e conservador, o que explica sua postura contrária ao movimento de reforma popular, ocorrido ao final dos anos 90, durante o governo do Mohhamad Khatami².

Ao cargo presidencialista, disputado nas eleições do último dia 12 de junho, advém a responsabilidade de tomada de decisões a respeito da política econômica, orçamento do Estado, assinatura de tratados internacionais e indicação de embaixadores. O cargo em questão tem o mandato de quatro anos com possibilidade de reeleição. Na recente disputa pelo cargo da presidência estavam presentes o moderado Mir Hossein Mousavi, Mahmud Ahmadinejad e outros dois candidatos, Mehdi Karoubi e Mohsen Rezaie. No entanto, a eleição contou expressivamente com a disputa acirrada apenas de dois dos quatro candidatos, Ahmadinejad e Mousavi, sendo esse último um dos maiores reivindicadores para uma reavaliação da eleição.

nomear o Líder Supremo do Irã.

² Mohhamad Khatami governou o Irã entre os anos de 1997 e 2005. É considerado o primeiro presidente reformista do país por defender a democracia e a inclusão de todos os iranianos nas tomadas de decisões políticas do país.

¹ Assembléia dos Peritos é composta por 86 membros eleitos por sufrágio universal para o mandato de oito anos. Tem como principal poder

Dentre os dois principais candidatos que acirravam a disputa eleitoral, o Presidente reeleito, Ahmadinejad, é aquele que mais se aproxima da tendência linha-dura de governo. O atual presidente eleito tomou o poder no ano de 2005, sob a responsabilidade de cessar as reformas promovidas pelo seu antecessor, Mohhamad Khatami. As tendências contrárias às possíveis mudanças das rígidas regras, colocadas pelo governo teocrático iraniano, aproximam Ahmadinejad do atual líder supremo aiatolá Khamenei. Os demais candidatos não se encontram sob esta mesma perspectiva passiva de continuidade de diretrizes políticas conservadoras. Mousavi, o segundo colocado nas eleições, embalou a sua candidatura prometendo um governo mais tecnocrático e com relações mais acentuadas com o Ocidente. Diferentemente do vencedor das eleições, Mousavi ganhou grande apoio da ala jovem do país, o que pôde sinalizar a tendência mais inovadora do candidato.

A disputa dos candidatos às eleições iranianas apresentou seus indícios de fraude logo após a apuração dos dados percentuais que apontavam o atual Presidente como reeleito. Alguns especialistas verificaram que a diferença de votos entre os dois candidatos mais votados na apuração parcial, Ahmadinejad e Mousavi, aparecia sempre como o dobro, o que não era esperado haja vista as diferentes tendências políticas de distintas regiões do país. Esperava-se, ao menos, uma diferença proporcional mais heterogênea. Ainda a respeito do impasse da votação, no âmbito numérico é questionável a percentagem de votos adquiridos por Ahmadinejad em províncias onde pesquisas não constataavam indícios significativos de sua popularidade. Em uma província de minoria étnica azeri³, onde Mousavi é

majoritário, Ahmadinejad venceu com a maioria dos votos.

Os indícios da fraude ainda se estendem às declarações de irregularidades feitas pelos três candidatos derrotados. De acordo com o Conselho dos Guardiões, organismo responsável por supervisionar a eleição iraniana, somando todas as declarações feitas pelos candidatos, chega-se a cogitar a investigação de aproximadamente 646 irregularidades ocorridas em todo o país durante o processo eleitoral. Além das denúncias feitas, há suspeitas quanto à contagem dos votos. Ou seja, o número de cédulas contadas à mão foi superior quando comparado ao da última eleição, entretanto, o tempo levado para contá-las foi muito menor nesta eleição.

O resultado de todo este cenário político incerto se pauta em inúmeras manifestações ocorridas no país, desde a publicação da vitória de Ahmadinejad. Essas manifestações têm sido reprimidas de forma violenta pelos policiais iranianos. Autoridades do Irã acusam as potências ocidentais de apoiarem os protestos, e não descartam a adoção de medidas ofensivas a seus participantes.

Nesta última quarta-feira, dia 24 de junho, o Ministro de Inteligência iraniano, Gholam Hussein Mohseni Ejehei, anunciou que pessoas com passaporte do Reino Unido foram detidas por serem suspeitas de estarem envolvidas nas conturbadas manifestações. O Irã ameaça, ainda, cortar relações diplomáticas com o Reino Unido. Os dois países já tiveram suas relações diplomáticas suspensas em 1980, sendo retomadas somente em 1989, após a morte de aiatolá Ruhollah Khomeini⁴. O governo do Reino Unido solicitou aos britânicos que não viajem

por abrigar a maioria de falantes de azeri do mundo.

⁴ Ruhollah Khomeini, aiatolá xiita iraniano, líder espiritual e político da Revolução Iraniana de 1979. É também considerado líder do moderno Estado xiita, governando o país até sua morte em 1989.

³ Idioma também conhecido como azerbaijano, proveniente do turcomano. É a língua oficial do Azerbaijão, embora o Irã seja conhecido também

para o Irã, salvo em casos de extrema necessidade.

Muitos são os países que já se posicionam preocupados com o presente cenário que se instaurou no Irã, destacando-se os países da União Européia (UE) e principalmente os Estados Unidos. Países membros da UE já pensam na idéia de elaboração de um plano para ajudar os recém manifestantes iranianos. Nesse sentido, cogitam a possibilidade de abertura de suas embaixadas para receber os manifestantes feridos, atitude esta que a Itália já se prontificou a fazer. Assim como os países da Europa, outros Estados se posicionam a favor dos reivindicadores. Barack Obama, atual Presidente dos Estados Unidos, em suas declarações sobre o ocorrido, homenageou a coragem dos manifestantes e criticou duramente a repressão das autoridades iranianas às manifestações populares. Ahmadinejad não se mostrou receptivo às críticas e alertou Obama para que se afastasse dos assuntos internos iranianos.

Os problemas no Irã podem ser vistos ainda na rápida publicação de imagens dos protestos que denigrem a figura do país frente ao cenário internacional. As imagens são inseridas pela ilimitada rede de comunicação existente no mundo e pela transmissão de inúmeras informações em tempo real. Os jornalistas correspondentes de várias partes do mundo, enviados à capital do Irã, Teerã, para a cobertura do conturbado quadro político e social do país, foram impedidos de trabalhar de forma livre. De acordo com o Ministério de Guia e Orientação Islâmica iraniano, jornalistas e agências de notícias estrangeiras estão proibidos de cobrir qualquer ato público sem autorização do órgão iraniano. Entretanto, apesar do cerco montado pelas autoridades para a não divulgação de imagens e conteúdos oriundos das duras repressões aos protestos, algumas imagens e vídeos ainda tem sido divulgadas na internet e tem chocado telespectadores de todo o mundo, como a imagem da morte da

estudante de filosofia, Neda Agha-Soltan. Algumas das medidas de contenção frente à desenfreada publicação dos conteúdos dos protestos tem sido vistas na atitude do governo iraniano de bloquear *Web Sites* como *Facebook* e *YouTube*, além de confiscar celulares de pessoas nas ruas que eles julguem serem suspeitas de estarem fazendo imagens de forma inapropriada.

O país iraniano, mesmo antes das eleições, já era conhecido pela polêmica da censura. O Irã é conhecido por aderir um sistema de filtragem da internet mais sofisticados do mundo, com amplos bloqueios a *sites* específicos. Os recorrentes empecilhos colocados pelo governo para impedir a liberdade de expressão dos iranianos, podem ser entendidos pelo fato de o país ser fechado a inovações e a relações que possam colocar em risco o Estado teocrático e conservador. A aceitabilidade de novas idéias, principalmente ocidentais, é condenada por aqueles que atualmente estão nos mais altos cargos do governo iraniano.

As informações e imagens do conflito, que burlam as barreiras impostas pelo governo iraniano, tem levado à perplexidade de muitos observadores mundiais e de recorrentes declarações de indignidade de alguns chefes de Estados. Os desdobramentos das eleições resultam em poucas expectativas sobre mudanças do atual “governo ilegítimo”, nome dado ao recente governo eleito, pelos candidatos opositores nessas eleições. Apesar da decisão do Conselho dos Guardiões para recontar os votos, esta recontagem abrange apenas 10% das urnas eleitorais, o que não garante a segurança plena do resultado da reavaliação dos votos. Ao que tudo indica, Ahmadinejad será mesmo o Presidente eleito para comandar o país, haja vista ainda que o atual líder supremo, aiatolá Alli Khamenei, defende concisamente a legitimidade da vitória do candidato para a presidência.

Referência

Jornal Estado de Minas, 23 de junho de 2009.

Sites:

Al-Jazeera.net

<http://english.aljazeera.net/>

Estadão

<http://www.estadao.com.br>

Five Thirty Eight

<http://www.fivethirtyeight.com>

Folha Online

<http://www.folhaonline.com.br>

Observatório da imprensa

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>

The New York Times

<http://www.nytimes.com>

Palavras-Chave: Eleições, Irã, Ahmadinejad.

Conjuntura Internacional

Pontifícia Universidade Católica – MG

Presidente da Sociedade Mineira de Cultura: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Grão-Chanceler: Dom Walmor Oliveira de Azevedo

Reitor: Dom Joaquim Giovani Mol Guimarães

Vice-reitora: Profª. Patrícia Bernardes

Assessor especial da reitoria: Prof. José Tarcísio Amorim

Chefe de Gabinete do Reitor: Prof. Osvaldo Rocha Tôres

Conjuntura Internacional

Chefia do Depto de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação do Curso de Relações Internacionais: Prof. Javier Alberto Vadell

Coordenação-Geral: Profª. Liana Araújo Lopes

Conselho acadêmico: Profa. Liana Araújo Lopes e Prof. Dawisson Belém Lopes.

Membros: Daniel Peluso Rodrigues da Silva; Eduardo Côrtes de Araújo Furtado; Larissa Rabelo Pires Martins; Maria Eugênia Rodrigues de Souza Nassim; Thainá Sesterhenn Chaves; Vívian Machado Magalhães Moreira.

Os textos aqui divulgados são de inteira responsabilidade de seus autores e não representam a opinião oficial do grupo.

Av: Dom José Gaspar, 500, Prédio 43, 4º andar. Coração Eucarístico. Belo Horizonte - MG - CEP 30535-901 Tel: (31) 3319-4495 email: ci@pucminas.br website: <http://www.pucminas.br/conjuntura>